

ARTIGO LIVRE

Da “Olimpíada da Paz” à “Olimpíada da Guerra”: as narrativas da imprensa carioca sobre os Jogos Olímpicos de Paris/1924

*From the ‘Peace Olympics’ to the ‘War Olympics’: The Narratives
of the Rio de Janeiro Press about the 1924 Paris Olympic Games*

Fausto Amaro*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

RESUMO: O artigo analisa a cobertura da imprensa do Rio de Janeiro sobre os Jogos Olímpicos de 1924 em Paris, com foco na participação brasileira no evento. A análise inclui a escolha de Paris como sede dos Jogos de 1924, a preparação das delegações para o evento e os desafios enfrentados pelo Brasil, como a falta de financiamento e a desorganização do Comitê Olímpico Brasileiro. O artigo destaca, ainda, a importância da imprensa carioca na consolidação do esporte olímpico brasileiro, bem como na promoção do esporte como símbolo de modernidade e civilização.

PALAVRAS-CHAVE: Jogos Olímpicos; esporte; imprensa; narrativas; mídia.

ABSTRACT: This article analyzes the coverage of the Rio de Janeiro press on the 1924 Olympic Games in Paris, focusing on the Brazilian participation in the event. The analysis includes the choice of Paris as the host city for the 1924 Games, the preparation of the delegations for the event, and the challenges faced by Brazil, such as the lack of funding and the disorganization of the Brazilian Olympic Committee. The article also highlights the importance of the press in consolidating Brazilian Olympic sports, as well as promoting sports as a symbol of modernity and civilization.

KEYWORDS: Olympic Games; sports; press; narratives; media.

*E-mail: faustoarp@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9537-5408>

Introdução

O filósofo Cesar Torres (2006) defende a tese de que os anos 1920 representaram uma “explosão olímpica” para a América Latina, que alcançou naquele momento posição de destaque no mundo olímpico. Para sustentar sua argumentação, Torres menciona os oito delegados latino-americanos que foram incorporados ao Comitê Olímpico Internacional (COI) entre 1922 e 1924 e os cinco Comitês Olímpicos nacionais que surgiram também nesse intervalo (Torres, 2006, p. 1089). Além desses dados, as medalhas conquistadas por Brasil, Argentina, Uruguai e Chile nos Jogos de 1920, 1924 e 1928 foram outros marcos importantes.

Nesse período, novas tradições passaram a compor o repertório olímpico, dentre elas: a bandeira olímpica e o juramento do atleta, na edição da Antuérpia/1920, o lema olímpico (*Citius, Altius, Fortius*), a partir de Paris/1924, e o acendimento da chama olímpica, desde Amsterdã/1928. Após vinte e nove anos na presidência do COI, Pierre de Coubertin se aposentaria dessa função em 1925, um ano depois da realização dos Jogos Olímpicos em sua cidade natal.

Também para a história do esporte olímpico brasileiro, este foi um período memorável. Em 1920, o país enviava sua primeira delegação para uma edição dos Jogos; em 1922, o Rio sediava a primeira edição dos Jogos Olímpicos Regionais (Amaro, 2021a); e, em 1923, mais dois brasileiros passavam a compor o corpo de delegados do COI. Todos esses marcos foram reportados pelos jornais cariocas, que, mais do que apenas informar, articulavam-se como atores centrais dos episódios que narravam. A importância da imprensa para o Movimento Olímpico Internacional não passava despercebida pelo COI e pelos comitês organizadores locais das cidades-sede. O próprio Coubertin, em discurso no primeiro Congresso Olímpico da era moderna, deixava claro o papel central que esperava da imprensa dali por diante: “É verdade, cavalheiros; nós somos rebeldes e é por isso que a imprensa, que sempre apoiou as revoluções beneficentes, entendeu e nos ajudou – pelo que, aliás, agradeço de todo o meu coração” (Coubertin, 2015, p. 394).¹ Essa relação umbilical entre mídia e esporte encontra suporte também no pensamento de pesquisadores que abordaram os Jogos enquanto uma “realidade construída pela mídia” (Moragas *apud* Senn, 1999, p. xviii).²

Neste artigo, analisarei a cobertura da imprensa do Rio de Janeiro sobre os Jogos Olímpicos de 1924, em Paris, em especial no que tange à participação brasileira no evento. Para isso, foram escolhidos para análise os seguintes veículos (dentre jornais e revistas): *O Paiz*, *O Imparcial*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *Gazeta de Notícias*, *Revista da Semana*, *Fon Fon*, *O Malho*, *Careta*, *Eu sei tudo* e *Sport Ilustrado*.³ O critério de seleção se baseia na relevância do periódico à época e na atenção destinada à cobertura olímpica. No que diz respeito à metodologia de análise, duas etapas principais foram observadas. Primeiro, realizei uma análise prospectiva de conteúdo, por meio da leitura e posterior classificação dos textos lidos. Em seguida, efetuei um estudo detido das narrativas coligidas, tendo Patrick Charaudeau (2013) como principal influência.

A imprensa carioca na década de 1920

Como reiterarei em outros momentos (Amaro, 2017; 2021b), não acredito ser possível entender plenamente o campo olímpico no Rio de Janeiro sem acessar suas mediações.⁴ Isto é, para compreender o desenvolvimento da temática olímpica na cidade, faz-se necessário entender os meandros da relação entre seus diversos atores – atletas, dirigentes, entusiastas do esporte, políticos, jornalistas, jornais, leitores – e os papéis por eles ocupados. Em especial, trata-se de tentar localizar as interseções entre mídia e esporte.

Na década de 1920, mais de 800 periódicos estavam em circulação na então capital federal. A maioria possuía vida efêmera, sendo os veículos de maior duração menos de 50 (Barbosa, 2007, p. 58).

Duas grandes folhas (*O Globo* e *O Jornal*) e novas agências internacionais (*United Press* e *Associated Press*) se estabeleceram no mercado carioca no começo dos anos 1920 (Barbosa, 2007, p. 85-96). Pode-se falar em um mercado de mídia com ampla concorrência, mas recursos escassos, o que demandava um gerenciamento profissional das finanças. Muitos jornais e revistas independentes sucumbiram por não se adaptarem às condições impostas por esse mercado, como foi o caso de alguns periódicos especializados em esporte.

O aumento do interesse da imprensa pelo esporte encontrava contrapartida no crescimento de um público consumidor dessas informações. O historiador Nicolau Sevcenko (2006) denomina de “febre esportiva” o processo que se desenrolava nas décadas de 1920 e 1930. Nesse sentido, o envio de correspondentes aos Jogos Olímpicos de 1920⁵ aponta não apenas para uma novidade no jornalismo esportivo, menos dependente das agências de notícias, mas também para uma demanda por discussões mais aprofundadas. As capas dos jornais estampando manchetes “olímpicas” eram outro ponto de aproximação com o cidadão comum, que, mesmo sem comprar o periódico, podia tomar contato com o assunto ao passar por uma banca de jornal ou pela porta das redações. A imprensa cumpria também um papel de educação midiática ao explicar, em diversas ocasiões, os mecanismos por trás do circuito da comunicação esportiva (os bastidores da notícia).

A hipótese de que a imprensa é causa e consequência do desenvolvimento do campo esportivo na cidade, originalmente proposta por Victor Andrade de Melo (2012), fará sentido nas narrativas aqui analisadas. A atração midiática pela temática olímpica, já perceptível em décadas anteriores, ganha intensidade a partir de 1920. Esse movimento não era fortuito. Havia por parte do COI interesse em disseminar o Movimento Olímpico para além das fronteiras europeias (Torres, 2008, p. 16). Em 1917, Pierre de Coubertin fizera circular pelos países da América Latina o livro de propaganda *Que és el olimpismo?* Seguindo essa mesma estratégia, ainda em 1920, o Brasil receberia autorização oficial daquela entidade para sediar os primeiros Jogos Olímpicos Regionais do continente.

Outro ponto a ser levantado sobre a década de 1920 é que as questões reiteradas pela narrativa midiática a partir dos Jogos Olímpicos respondiam a dilemas próprios da realidade brasileira à época, como a tomada de consciência para uma identidade nacional, a construção de um consenso quanto à “raça brasileira” e o reconhecimento do país no concerto do mundo civilizado. Não era mais possível considerar os Jogos como uma “ideia fora do lugar” (Schwarz, 1992). A agenda da mídia se coadunava com os interesses do Estado e das elites nacionais. Mais do que reportar informações sobre o esporte olímpico, tratava-se de promover valores e visões de mundo caros a certos segmentos sociais. O esporte podia ser entretenimento nas horas vagas e instrumento para o melhoramento físico, mas sua representação na mídia trazia latente o discurso da sujeição a um padrão estabelecido. Participar dos Jogos passava a ser então uma questão política, pois atendia ao propósito de propagar ideias de modernidade, raça e civilização entre os brasileiros. O sucesso esportivo era apresentado como parâmetro da prosperidade nacional.

O teor das matérias jornalísticas sobre os atletas olímpicos brasileiros era, em geral, dotado de forte sentimento patriótico. Perdurava na década de 1920 a crença de que o esporte olímpico brasileiro trilhava o caminho do progresso. Os resultados adversos, contudo, impediam o cotejamento dessa narrativa linear à realidade.

Impressões gerais sobre os Jogos Olímpicos de 1924

Durante a 19ª Sessão Olímpica, em 1921, Pierre de Coubertin anunciaria sua aposentadoria do cargo de presidente do COI. Como último desejo antes de deixar a presidência da entidade, Coubertin ansiava por tornar sua cidade-natal mais uma vez sede dos Jogos Olímpicos. A vontade do fundador

do Movimento Olímpico Internacional pesou na escolha de Paris ante as rivais Amsterdã, Barcelona, Los Angeles, Praga e Roma (Dyreson, 2004, p. 79). O prejuízo financeiro da Antuérpia com a organização dos Jogos de 1920 (Renson, 2004, p. 76) não impediu uma ampla concorrência pelo direito de sediar o evento em 1924. Os membros do COI preferiam que um país neutro no conflito mundial da década anterior sediasse a edição de 1924, mas cederam à vontade de Coubertin (Senn, 1999, p. 40).

Paris já havia recebido os Jogos em 1900, porém, dessa vez, o governo francês secundou esforços para viabilizar o evento. O Comitê Organizador local estava sob supervisão do Ministério das Relações Exteriores do país e recebeu um aporte de 20 milhões de francos do Estado francês (Dyreson, 2004, p. 81). Não obstante, o contexto sociopolítico na véspera de sediar os Jogos não era dos mais auspiciosos para os franceses. Desde 1923, o governo de Alexandre Millerand pressionava a Alemanha por reparações de guerra e enfrentava os danos causados por uma inundação em Paris (Dyreson, 2004, p. 80). Os problemas financeiros e conjunturais da capital francesa levaram Coubertin a cogitar Los Angeles como plano alternativo. Para isso, contava com o apoio do empreendedor norte-americano William Garland. Esse gesto de Garland faria com que Coubertin trabalhasse em prol da escolha de Los Angeles como sede dos Jogos Olímpicos de 1932.

Cinquenta e duas nações,⁶ dentre elas o Brasil, teriam sido convidadas a participar dos Jogos de 1924 (Correio da Manhã, 26/11/1923, p. 1). Seguindo a política de expansão do movimento olímpico, inúmeros países da América Latina e Europa debutaram na Olimpíada de Paris, a saber: Argentina, Equador, México, Uruguai, Irlanda, Lituânia, Polônia, Romênia, Iugoslávia e Letônia. Para abrigar as delegações, foi planejada uma “povoação olympica” (Jornal do Brasil, 30/03/1924, p. 18), na qual os atletas teriam alojamento gratuito. Pode-se considerar essa iniciativa o embrião das Vilas Olímpicas que viriam a ser construídas a partir de 1932. Segundo comunicado da *Office Français du Tourisme*, no Rio de Janeiro, seriam oferecidas ainda vantagens a atletas e turistas na compra de passagens para Paris (Correio da Manhã, 23/08/1923, p. 8), bem como na hospedagem e circulação pela cidade (Jornal do Brasil, 11/03/1923, p. 14).

As disputas da 1ª Guerra Mundial ainda reverberavam na década de 1920. URSS e Alemanha continuavam banidas dos Jogos, porém Áustria, Bulgária, Hungria e Turquia, nações oriundas da dissolução dos impérios otomano e austro-húngaro, estavam autorizadas a participar (Dyreson, 2004, p. 81). Excluídos do torneio, os alemães chegaram a estabelecer uma data para realização de seus próprios jogos olímpicos, 15 de julho de 1923. Todos os países do mundo seriam convidados, menos França e Bélgica (Jornal do Brasil, 18/04/1923, p. 13).

Esses conflitos antes e durante os Jogos dividiam a opinião pública internacional sobre a utilidade do evento. O *Times* de Londres afirmava que os Jogos “exacerbavam as amarguras internacionais em vez de acalmá-las”, enquanto o *New York Post* amenizava os desentendimentos caracterizando-os como “explosões insignificantes de duração momentânea” (Guttmann, 1992, p. 44).⁷ O clima beligerante que dominava as notas vindas da Europa levava *O Imparcial* (03/09/1923, p. 4) a indagar em um de seus artigos: “Depois da ‘Olympiada da Paz’ a ‘Olympiada da Guerra?’”.⁸

Em números, segundo informações oficiais do COI,⁹ Paris recebeu 3.089 atletas (2.954 homens e 135 mulheres), oriundos de 44 países, para as competições olímpicas realizadas entre quatro de maio e 27 de julho. Apesar dos rendimentos auferidos com as concessões no interior do estádio, a bilheteria, a venda de selos olímpicos e o turismo, os Jogos Olímpicos de 1924 trouxeram prejuízo aos cofres parisienses (Dyreson, 2004, p. 86). Além disso, o caráter comercial que começava a dominar o evento era motivo de preocupação para alguns analistas. Guilherme Rebello, colunista da *Gazeta de Notícias*, por exemplo, argumentava que o programa olímpico se transformara em “um simples negócio mercantil”, bancado “por elevadas exigências pecuniárias aos espectadores” (Gazeta de Notícias, 22/03/1925, p. 6).

As narrativas da imprensa carioca sobre os Jogos de 1924

As primeiras informações que chegavam à imprensa carioca sobre os Jogos de 1924 tratavam da escolha de Paris como sede, em um Congresso do COI realizado em Genebra (Correio da Manhã, 04/06/1921, p. 1). De 1922 em diante, crescia o número de notícias publicadas, versando sobre tópicos diversos, como os esportes presentes na programação olímpica, os países inscritos, a preparação estrangeira e a organização do evento em si. As informações oficiais relativas aos Jogos eram remetidas aos órgãos de imprensa da cidade por intermédio do *Commissariat Général de la Propagande du Comité Olympique Français*, que dispunha de uma lista, fornecida pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), com todos os jornais diários, esportivos e revistas em circulação na capital federal (O Imparcial, 17/05/1923, p. 9).

Ao que tudo indica, essa foi a primeira edição olímpica na qual os jornais cariocas foram providos, ou ao menos fizeram uso, de publicações oficiais enviadas pelo Comitê Organizador local dos Jogos. Essa fonte informativa seria ainda mais relevante na edição de 1932, quando os organizadores norte-americanos empregaram a propaganda oficial como estratégia de convencimento das nações europeias e dos demais continentes a enviar suas delegações a Los Angeles (Amaro, 2020).

Os jornais, mas principalmente as revistas, fizeram farto uso de imagens para retratar os atletas brasileiros e estrangeiros, bem como para documentar as futuras instalações olímpicas de Paris, especialmente o Stade Olympique du Colombes (Figura 1). Pouco a pouco, os Jogos também deixavam de ser assunto exclusivo das páginas esportivas e seções de telegramas, adentrando outros espaços dos jornais, como as colunas de arte, cinema, política. A página “Artes e Artistas” d’*O Paiz* (29/06/1924, p. 7), por exemplo, trazia aos seus leitores um resumo sobre os jogos olímpicos da Antiguidade e breves informações sobre os Jogos modernos. A expansão de certo *ethos* esportivo não era casual, pois, naquela época, como salienta Sevcenko (2006, p. 569), até mesmo o vestuário se adaptava para atender aos novos hábitos atléticos da população. De fato, a seção “Crônicas de Paris”, da *Revista da Semana* (02/08/1924, p. 31), atribuía aos Jogos Olímpicos uma possível influência no mundo da moda.



Figura 1 – Imagens aéreas do estádio olímpico figuravam na imprensa carioca.
Fonte: Fon Fon (12/01/1924, p. 43).

Na geopolítica internacional do esporte, o patamar ocupado pelo Brasil certamente crescera após sediar os Jogos Olímpicos Regionais de 1922. Em abril de 1923, o país teve dois novos delegados eleitos para o Comitê Olímpico Internacional: o carioca Arnaldo Guinle e o paulista José Ferreira dos Santos (O Paiz, 13/04/1923, p. 8). Além do Brasil, apenas EUA, França e Grã-Bretanha possuíam três delegados servindo ao COI naquele momento (COF, 1924, p. 7). Curiosamente, no entanto, o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) estava desestruturado, recebendo raras menções da imprensa. Era a CBD que cuidava da organização da delegação brasileira para Paris/1924.

Cabe esclarecer brevemente o motivo do crepúsculo do COB. Com o falecimento do senador Fernando Mendes de Almeida (1845-1921), único presidente da entidade desde sua fundação, em 1914, o COB experimentou um súbito processo de declínio. Chegou-se a cogitar o nome do conde Paulo de Frontin para presidir a instituição, porém o cargo ficaria vago até a formação de um novo Comitê em 1935.¹⁰ A imprensa tratava com normalidade o fato de a CBD estar fazendo às vezes de Comitê Olímpico nacional. *O Imparcial* (04/04/1921, p. 9) sugeria mesmo a formação de uma Confederação Brasileira de Desportos e Jogos Olímpicos. Observar essa ausência do COB das narrativas olímpicas implica perguntar pelos não-ditos e investigar os silêncios, parte precípua da tarefa do historiador da imprensa (Barbosa, 2004, p. 2).

Retornando aos Jogos de 1924, o convite olímpico oficial para o Brasil chegava em março de 1923 (Jornal do Brasil, 09/03/1923, p. 11), ao que se seguiu uma intensa campanha e pressão midiática em prol da participação nacional. Clubes e federações colocariam a questão olímpica na pauta de suas reuniões pouco tempo depois. Em 10 de abril de 1923, Antunes de Figueiredo, presidente da Federação de Remo, proferiu discurso em favor de uma delegação brasileira durante assembleia geral da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (O Paiz, 11/04/1923, p. 8). O diretor de Educação Física do Fluminense, Affonso de Castro, lançou a ideia de uma caixa popular para subvenção da delegação, comprometendo-se a doar 10% das rendas dos jogos do tricolor carioca à CBD (O Imparcial, 13/04/1923, p. 7). Para os dirigentes e a imprensa, os Jogos continuavam sendo retratados como uma oportunidade de reforçar a imagem do Brasil no exterior e rechaçar falsas impressões sobre uma suposta inferioridade do brasileiro.

Propagandeado como um encontro das nações civilizadas, o Brasil não poderia, segundo recomendação da imprensa, fazer má figura nos Jogos. Nesse sentido, lembremos que, na primeira participação olímpica brasileira, quatro antes, havíamos conquistado três medalhas, todas no tiro esportivo (ouro, prata e bronze). As atualizações que chegavam pelas agências internacionais sobre a preparação olímpica das demais nações rendia críticas das folhas cariocas à forma como o mesmo processo era conduzido no Brasil. O *Correio da Manhã* (26/11/1923, p. 1), por exemplo, reiterava uma análise já verificada antes dos Jogos de 1920, qual seja, a da carência de ações práticas e a constatação de que “nós, os brasileiros, continuamos no terreno das ideias”.

A reclamação da imprensa era pertinente em face do que se observava na organização olímpica nacional. O treinamento e a seleção dos atletas olímpicos eram largamente negligenciados pelas entidades esportivas. O que se comentava sobre a preparação olímpica se baseava nas reuniões das federações e nas entrevistas dos dirigentes à imprensa.¹¹ Não obstante, qualquer campeonato esportivo realizado no Rio era interpretado pelos periódicos e pelos organizadores como um evento visando os Jogos Olímpicos. É possível afirmar que uma embrionária consciência da importância do ciclo olímpico começava a surgir, sendo os Jogos o ápice do calendário esportivo nacional.

A pressão da imprensa repercutia positivamente na política esportiva. Ainda em 30 de julho de 1923, a CBD instituiu uma Comissão Olímpica Nacional,¹² que seria responsável pela organização da delegação para os Jogos de 1924. A tarefa mais imediata dessa Comissão era conseguir financiamento para a causa olímpica, fosse por meio do governo ou de outras fontes (renda de amistosos, coleta de doações na sociedade civil, arrecadação no comércio). Foi organizada ainda uma espécie de “seção

paulista” dessa instituição, o que denota o capital político crescente daquele Estado no cenário esportivo nacional (O Imparcial, 21/07/1923, p. 10). Félix Pacheco, ministro das Relações Exteriores, foi nomeado Presidente de Honra da Comissão, um ato político perspicaz, voltado provavelmente para angariar apoio do governo de Arthur Bernardes à causa olímpica (O Imparcial, 01/09/1923, p. 10).

Em setembro de 1923, entrava em pauta no Congresso o projeto do deputado Americano do Brasil, que propunha um auxílio governamental da ordem de 300 contos de réis para a delegação brasileira (O Imparcial, 15/09/1923, p. 5). Era o mesmo valor do projeto original de Mendes de Almeida, visando a participação nacional nos Jogos de 1920, e também da primeira remessa do governo para os Jogos Latino-Americanos de 1922. Afirmando ter tomado conhecimento da iniciativa de Americano por meio da imprensa, a CBD enviou à Câmara um ofício solicitando o apoio da Casa ao projeto e sua ampliação para 350 contos de réis (O Paiz, 30/10/1923, p. 8). Para sensibilizar os deputados, a entidade mencionava nesse documento os argumentos de praxe, envolvendo civilização, raça e patriotismo. Uma estimativa de custos encaminhada pelo Fluminense à CBD calculava em 523 contos e 300 mil réis (523:300\$000) o montante necessário para o treinamento, as passagens e a estadia de uma delegação de 97 pessoas, sendo 83 atletas e 14 técnicos e dirigentes (O Imparcial, 15/07/1923, p. 12).

Em virtude da crise econômica vivenciada pelo governo federal, o projeto não angariava muita simpatia, sendo visto por alguns como uma despesa “sem um resultado imediato para a economia da nação” (Jornal do Brasil, 18/09/1923, p. 5) e um “sacrifício dos cofres públicos” (O Imparcial, 24/10/1922, p. 12). Em discurso no Congresso, o deputado Bethencourt Filho, secundado por aplausos de outros congressistas, se manifestava contrário ao auxílio governamental, classificando a CBD como “uma instituição que não está absolutamente à altura de defender o nosso brio e a nossa dignidade” (Gazeta de Notícias, 22/11/1923, p. 6).

A despeito das oposições, a proposta seguia em frente. A minuta modificada do projeto delegava ao Ministério das Relações Exteriores a responsabilidade de gerir o uso dos 300 contos de réis e ao Poder Executivo a prerrogativa de nomear uma comissão de três membros para “dirigir tecnicamente a organização da embaixada de atletas brasileiros” (Correio da Manhã, 25/11/1923, p. 1). As despesas com os Jogos Olímpicos apareciam no Diário Oficial do dia 8 de janeiro de 1924 como previsão orçamentária do Ministério da Justiça (Correio da Manhã, 09/01/1924, p. 3). Como o dinheiro prometido demorava a chegar, Ariovisto de Almeida Rego, recém-empossado presidente da CBD, solicitou a intervenção do Ministro do Interior, João Luiz Alves, junto ao presidente da República para obter a liberação da verba orçamentária (Jornal do Brasil, 07/03/1924, p. 16). Ao mesmo tempo, cresciam os boatos de que o auxílio não fosse sair. Chegou mesmo a ser formada uma comissão de notáveis, dentre jornalistas, dirigentes, políticos, comerciantes e industriais, visando garantir os recursos financeiros necessários (Gazeta de Notícias, 30/03/1924, p. 2). Não foi o suficiente. A verba do governo não entraria nos cofres da CBD dessa vez.

Em consequência da retirada do suporte do governo, o ano de 1924 seria marcado por incertezas quanto à participação olímpica brasileira. Os jornais não poupavam críticas à CBD pela desorganização do campo olímpico às vésperas dos Jogos. *O Imparcial* (31/01/1924, p. 9) justificativa a oposição sistemática à entidade reforçando seu papel enquanto veículo jornalístico: “Nossa divisa é FAZER JUSTIÇA, seja tecendo elogios, seja criticando os erros e verberando a conduta de seus autores”. Curiosamente, apesar do clima interno conturbado, algumas notas de agência, vindas do exterior, continuavam a dar como certa a participação brasileira.

Para piorar esse cenário, os conflitos entre a Liga Metropolitana e a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (Amea)¹³ prejudicavam a preparação dos atletas cariocas, o que era abordado pela imprensa sob o viés da falta de patriotismo e da influência demasiada da política na esfera do esporte. São Paulo, por outro lado, vivenciava uma situação mais estável no campo esportivo, o que impeliu a CBD a delegar à Associação Paulista de Esportes Athleticos (Apea) a função de organizar a

representação brasileira no atletismo e no futebol (O Imparcial, 07/03/1924, p. 11). A decisão selava a ascensão paulista no cenário da política esportiva nacional. Ferreira dos Santos, presidente da Apea, seria a grande figura nos bastidores da organização da delegação à Paris, papel ocupado por Mendes de Almeida e Trompowsky Jr. nos Jogos de 1920.

A rixa entre Rio de Janeiro e São Paulo viria à tona por ocasião da seletiva olímpica de atletismo. A Federação Paulista de Atletismo (FPA), organizadora do encontro, enviou convites¹⁴ aos atletas cariocas para que comparecessem no dia 18 de maio ao Clube Atlético Paulistano. A partir daí, aparecem duas versões sobre os acontecimentos, uma oriunda da filial paulista da Agência Americana (AA) e outra diretamente dos atletas. A *Gazeta de Notícias* (20/05/1924, p. 8) publicou a nota da AA, que imputava aos atletas cariocas um pedido inusitado à FPA: a garantia da presença deles na “embaixada” olímpica, independentemente dos resultados obtidos. Erico Falcão, Waldemar Kitzinger, José Augusto Santos Silva e Sidney Soares – os atletas cariocas em questão – afirmavam justamente o contrário, ou seja, que a Federação alegara ter plenos poderes para decidir sobre a composição da delegação, à revelia dos resultados das eliminatórias. Essa segunda hipótese parece ser de fato a razão do dissídio carioca. Américo Netto, secretário geral da Federação Paulista, afirmava que, se “os recursos necessários a tal empreendimento [olímpico]” vinham de São Paulo, “era lógico que aos paulistas competisse ir à cidade Luz” (O Imparcial, 20/05/1924, p. 12). Diante dessa declaração, julgada bairrista e impatriótica, *O Imparcial* (22/05/1924, p. 11) cobrava medidas da CBD. Ao fim e ao cabo, a equipe olímpica de atletismo não incluiu nenhum atleta do Rio.¹⁵

Parte da fala de Américo Netto estava, de fato, correta. O custeio da delegação olímpica proveio majoritariamente de uma campanha organizada pelo jornal *O Estado de São Paulo*, no qual Netto era o diretor de esportes. O total arrecadado teria sido da ordem de 40 contos de réis, dos quais 23 foram empregados no custeio das passagens no navio Orânia, embarcação da companhia Lloyd Real Hollandez (Carmona; Rodrigues; Petrik, 2000, p. 39).

A bordo do navio Plata embarcaram, em 26 de maio, os dois únicos atletas cariocas na representação nacional (O Imparcial, 27/05/1924, p. 13). Sob o patrocínio da Federação Brasileira das Sociedades de Remo,¹⁶ os irmãos Carlos e Edmundo Castello Branco (Figura 2), remadores do Boqueirão do Passeio, foram enviados à Paris para competir nas provas de “double-scull” e “out-rigger” (O Imparcial, 19/05/1924, p. 1). Únicos representantes da cidade nos Jogos Olímpicos, os atletas recebiam maior atenção da imprensa carioca.¹⁷



Figura 2 – Carlos e Edmundo Castello Branco, representantes do Rio em Paris/1924.
Fonte: O Imparcial (19/05/1924, p. 1).

A diminuta delegação nacional, formada por 12 atletas (3 remadores, 1 atirador e 8 membros da equipe de atletismo) e três membros técnicos (Américo Netto, chefe da delegação, A.J. Hogarty, técnico, e Alberto Byington Júnior, secretário), participou da abertura dos Jogos, em cinco de julho de 1924 (Figura 3). A representação brasileira adentrou o estádio olímpico de Colombes trajando “casacos verdes debruados de amarelo, ostentando sobre o bolso do peito um grande B bordado a ouro” e um “leve chapéu de feltro branco, calças brancas e sapatos de atacar com um laço assaz gracioso” (Jornal do Brasil, 06/07/1924, p. 6). *O Imparcial* (03/04/1924, p. 13) lembrava que seu leitor já estava familiarizado com aquela cerimônia, pois o Brasil sediara Jogos Regionais apenas dois anos antes. A cobertura da imprensa carioca se baseava, principalmente, nas notas da United Press, enviadas de estações radiotelegráficas em Paris (Gazeta de Notícias, 06/07/1924, p. 2). Apenas o *Correio*, dentre os jornais cariocas, possuía um correspondente (Adolpho Klingelhofer) nos Jogos de 1924.¹⁸

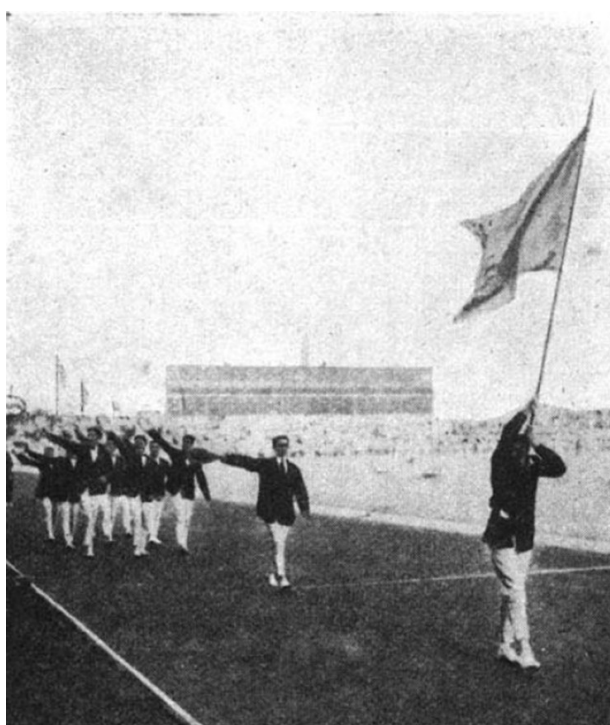


Figura 3 – Delegação brasileira no desfile inaugural dos Jogos.

Fonte: IOC, Olympic Report (1924, p. 88).

A estrutura montada para os jornalistas no estádio olímpico se assemelhava àquela oferecida nos Jogos de 1920. Os 724 profissionais de imprensa credenciados¹⁹ contavam com três salas no estádio olímpico, equipadas com 50 cabines telefônicas e várias máquinas telegráficas, a partir das quais foram enviadas mais de três milhões de palavras (O Imparcial, 04/09/1924, p. 8). Devem-se destacar também os registros filmicos de inúmeros momentos dos Jogos, em cartaz nos cinemas do Rio de Janeiro.

A película com imagens da cerimônia de abertura (Figura 4), provas de atletismo, partidas de futebol, dentre outras, estreou no Odeon em 19 de setembro de 1924.²⁰ Os anúncios publicados em diversas folhas da cidade comunicavam o sucesso da fita cinematográfica entre o público carioca. *O Imparcial* (11/10/1924, p. 5) assegurava que “quase todo o Rio” já assistira ao filme, e *O Paiz* (06-07/10/1924, p. 12) afirmava que a película foi o assunto “mais falado de ontem”. Para atrair o público, vendia-se a ideia de uma experiência olímpica, acessível àqueles que não puderam vivenciar os Jogos *in loco*. Eis um exemplo dessa linha de publicidade: “Não precisa ser rico, nem ninguém deve chorar por não ter podido ir à Paris e à Chamonix²¹ a ver a disputa dos títulos de campeões, pois que o Odeon em boa hora se lembrou de mandar vir um *film* completo sobre o assunto” (O Imparcial, 09/10/1924, p. 6).



Figura 4 – Anúncio da película com cenas dos Jogos de Paris/1924.

Fonte: Jornal do Brasil (18/09/1924, p. 29).

Nas competições olímpicas, nenhuma medalha foi conquistada pelo Brasil. O melhor resultado foi o quarto lugar dos remadores Edmundo e Carlos Castello Branco na prova de *double sculls*. No atletismo, os brasileiros competiram em 11 provas, sem performances de maior destaque.²² Os jornais cariocas abordaram principalmente o desempenho dos irmãos Castello Branco. *O Paiz* (25/08/1924, p. 1) chegou mesmo a tratá-los como os únicos brasileiros na competição, ignorando o restante da representação nacional.²³ No emaranhado de notas de agências, havia muito pouca informação sobre os demais atletas.

A hipótese mais plausível para esse “esquecimento” se encontra no fato de os grandes episódios da saga olímpica, como a preparação e o embarque, terem transcorrido em São Paulo, situação totalmente distinta daquela de 1920. Essa ausência de informações coloca em evidência um dos aspectos centrais da feitura da história: suas pistas. Segundo Barbosa (2007, p. 11), a “história só existe no presente porque o passado deixou inscritos, no nosso aqui e agora, registros múltiplos que indicam a existência desse passado”. Assim, todos os “silêncios” verificados na imprensa carioca tornaram mais árduo, porém não impossível, o processo de tessitura da narrativa histórica deste artigo.

Dentre os eventos olímpicos, o torneio de futebol foi o que mais despertou interesse da imprensa carioca. Não à toa foi o esporte mais lucrativo dos Jogos (Jornal do Brasil, 11/09/1924, p. 16). O time uruguaio, campeão olímpico, era descrito pela imprensa como representante da escola sul-americana e da raça latina no torneio.²⁴ Dada a popularidade do futebol, o ouro uruguaio repercutiu mais nas folhas cariocas do que as seis medalhas argentinas em três esportes diferentes (polo, salto triplo e boxe). Os jogadores uruguaio foram recepcionados festivamente quando de passagem pela capital brasileira, tanto na ida à Paris quanto no regresso (Figura 5). O único contraponto a exaltação da vitória uruguaia era a ausência do Brasil na competição. O correspondente Adolpho Klingelhofer era incisivo em sua crítica: “O Brasil, como sempre, brilhou pela ausência” (Correio da Manhã, 15/06/1924, p. 1).

A malfadada missão olímpica nacional se tornava mais trágica justamente quando cotejada com o sucesso argentino e uruguaio. Um recurso por vezes acionado era o apagamento da memória de 1924, como faria um ano depois *O Paiz*: “Doeu profundamente ao amor próprio brasileiro que não nos fizéssemos representar nos jogos olympicos de 1924, em Paris” (12/02/1925, p. 3). Aqui, fica evidente como as experiências do passado estão em constante reformulação, seja pela descoberta de novas fontes ou pela atribuição de novos significados aos eventos já conhecidos. Cumpre ao pesquisador estar atento aos meandros envolvidos na narração do passado a partir do presente:

Cada presente constrói os relatos que o estatuto cultural e social permite, vê o que o tempo permite que seja visto, narra, como história, aquilo que interessa ao presente. Ou seja, não é o passado que constrói o presente, mas o presente que constrói, como história, o passado que não pode mais ser resgatado. (Messagi, 2009, p. 17).



Figura 5 – Recepção dos atletas uruguaios na cidade do Rio de Janeiro.

Fonte: Revista da Semana (02/08/1924, p. 24).

O encerramento dos Jogos, no dia 28 de julho, foi comunicado pelos periódicos cariocas sem muitos detalhes por meio de notas da Havas e da Americana (em linhas gerais, elencava-se o discurso de Coubertin, a presença de autoridades, jornalistas, delegados estrangeiros e grande número de espectadores no estádio e a entrega dos prêmios aos vencedores). Após o fim do evento, restava à imprensa publicar os resultados compilados de cada esporte e balanços da participação brasileira.

A conclusão mais evidente sobre a cobertura dos Jogos da VIII Olimpíada é que o predomínio paulista e a presença de apenas um correspondente *in loco* impactaram o conteúdo oferecido pelos jornais cariocas aos seus leitores. À exceção do *Correio*, a imprensa voltou a depender das agências de notícias, o que empobreceu significativamente a qualidade das matérias. Ainda assim, permanecia a preocupação de trazer informações sobre momentos-chave da competição (preparação estrangeira, organização na cidade-sede, resultados, cerimônias), biografias de ídolos do esporte²⁵ e técnicas, como a distinção entre Olimpíada e Jogos Olímpicos (O Paiz, 28/06/1924, p. 2).

Considerações finais

Se, antes da ida a Paris, os Jogos continuavam sendo julgados como uma oportunidade de reforçar a imagem do Brasil no exterior e mesmo de desfazer falsas impressões sobre uma suposta inferioridade do brasileiro,²⁶ a ausência de resultados notáveis nas competições arrefeceu essas expectativas. Por mais que os jornais buscassem adotar uma narrativa teleológica, divulgando os progressos brasileiros no esporte, os resultados adversos impediam um acoplamento desse discurso com a realidade, o que se tornaria cada vez mais difícil nas edições olímpicas seguintes.

De modo geral, sempre que a cultura esportiva nacional era cotejada com a europeia ou norte-americana a desvantagem estava do lado brasileiro. O Brasil, nesse sentido, teria de seguir certo percurso, já trilhado por nações “adiantadas”, para atingir um patamar civilizatório que o permitisse se igualar às potências no esporte e superar a sensação de inferioridade reinante a cada adversidade. Para explicar essa defasagem, muitas vezes se evocava o desinteresse do governo²⁷ em promover um plano nacional de educação física que promovesse o esporte e, conseqüentemente, servisse ao propósito de “melhoramento” da “raça” brasileira. Em outros momentos, a crítica se direcionava às entidades esportivas e sua desorganização.

Em suma, analisar a cobertura da imprensa carioca sobre os Jogos Olímpicos de 1924 nos permite adentrar ainda mais na complexa relação entre mídia, esporte e identidade nacional. Não me parece possível, como dito em outro momento deste artigo, compreender plenamente o campo olímpico brasileiro sem investir no entendimento da mediação operada pelos meios de comunicação. A imprensa não desempenhava um papel de mera coadjuvante dos eventos que reportava, mas tinha um papel ativo na construção de narrativas esportivas e mesmo na promoção do esporte olímpico.

Apesar dos desafios enfrentados, como a falta de financiamento e a desorganização do Comitê Olímpico Brasileiro, a participação brasileira nos Jogos de 1924 deu prosseguimento à saga olímpica nacional, que se iniciara formalmente na Antuérpia, em 1920. A cobertura midiática, com seus rasgos de nacionalismo, serviu para impulsionar a organização de uma delegação nacional e para posicionar o esporte como um símbolo, cada mais relevante, da identidade brasileira. Os resultados adversos, as querelas políticas e as críticas à organização esportiva nacional prenunciavam, no entanto, o árduo caminho a ser percorrido pelo movimento olímpico brasileiro para fazer jus às expectativas criadas pela imprensa.

Referências

- AMARO, Fausto. Movimentos do esporte olímpico nacional na década de 1910: jornais, pessoas e fatos. *Recorde – Revista de História do Esporte*, v. 10, p. 1-28, 2017.
- AMARO, Fausto. *Os jogos olímpicos na capital da República: narrativas da imprensa e campo esportivo no Rio de Janeiro (1890-1935)*. 2018. 415 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- AMARO, Fausto. “A Los Angeles para aprender”: a imprensa, o varguismo e os preparativos brasileiros para os Jogos Olímpicos de 1932. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, v. 18, p. 65-90, 2020.
- AMARO, Fausto. O Rio olímpico: os Jogos do Centenário de 1922. In: GAUZISKI, Débora; AZEVEDO, André (org.). *O porto do Rio e outras especialidades cariocas*. Rio de Janeiro: Estudos Americanos, 2021a. p. 246-266.
- AMARO, Fausto. A carta de Raul do Rio Branco e a formação do campo olímpico brasileiro. *Estudios Interdisciplinarios de America Latina y El Caribe*, v. 31, p. 111-132, 2021b.
- BARBOSA, Marialva. Como escrever uma história da imprensa? In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 2., 2004, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis. Alcar, 2004, p. 1-11.
- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- CARMONA, Lédio; RODRIGUES, Jorge Luiz; PETRIK, Tiago. *Brasileiros olímpicos*. São Paulo: Editora Panda, 2000.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2013.
- COUBERTIN, Pierre. *Pierre de Coubertin: olimpismo – seleção de textos* (Norbert Muller e Nelson Schneider Todt [Editores]). Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2015.
- DYRESON, Mark. Paris 1924. In: FINDLING, John; PELLE, Kimberly (ed.). *Encyclopedia of the modern olympic movement*. Londres: Greenwood Press, 2004. p. 79-88.

GUTTMANN, Allen. *The Olympics, a history of the Modern Games*. Urbana, Chicago: University of Illinois Press, 1992.

MELO, Victor Andrade de. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: HOLLANDA, B. B.; MELO, V. A. (org.). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. p. 21-51.

MESSAGI, Mário. *O texto jornalístico no centro de uma revisão da história da imprensa no Brasil*. 2009. 280f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.

NAPOLEÃO, Antonio Carlos. História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941). In: TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos; SANTOS, Ricardo Pinto (org.). *Memória social dos esportes – Futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2006. v. 2, p. 81-106.

RENSON, Roland. Antwerp 1920. In: FINDLING, John; PELLE, Kimberly (ed.). *Encyclopedia of the Modern Olympic Movement*. Londres: Greenwood Press, 2004. p. 71-78.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1992.

SENN, Alfred E. *Power, politics, and the olympic games: a history of the power brokers, events, and controversies that shaped the games*. Champaign, IL: Human Kinetics, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*, v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 513-619.

TORRES, Cesar R. “Spreading the Olympic idea” to Latin America: the IOC-YMCA partnership and the 1922 Latin America Games. *Journal of Olympic History*, v. 16, n. 1, 2008.

TORRES, Cesar. The Latin American ‘Olympic Explosion’ of the 1920s: Causes and Consequences. *The International Journal of the History of Sport*, v. 23, n. 7, p. 1088-1111, 2006

Fontes

COMITÉ OLYMPIQUE FRANÇAIS (COF). *Les Jeux de la VIII Olympiade Paris 1924*. Rapport Officiel. Paris: Librairie de France, 1924.

CARETA, Rio de Janeiro, 1920 a 1935.

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 1901 a 1939.

EU SEI TUDO, Rio de Janeiro, 1920 a 1935.

FON FON, Rio de Janeiro, 1920 a 1935.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 1890 a 1934.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE (IOC). Olympic Charter. Lausanne: COI, 1962.

JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, 1891 a 1935.

OLYMPIQUE COMMITTEE OF THE GAMES OF LOS ANGELES (OCGLA). The Games of the Xth Olympiada “Los Angeles 1932”. Official Report. Los Angeles: Wolfer Printing Company, 1932.

O IMPARCIAL, Rio de Janeiro, 1912 a 1935.

O PAIZ, Rio de Janeiro, 1890 a 1934.

O MALHO, Rio de Janeiro, 1920 a 1935.

O JORNAL, Rio de Janeiro, 1930 a 1935.

REVISTA DA SEMANA, Rio de Janeiro, 1900 a 1935.

SPORT ILUSTRADO, Rio de Janeiro, 1920 a 1935.

Notas finais

- ¹ Tradução minha: “It is true. Gentlemen; we are rebels and that is why the press which has always supported beneficent revolutions has understood and helped us – for which, by the way, I thank it with all my heart”.
- ² Tradução minha: “media-constructed reality”.
- ³ Esta pesquisa foi viabilizada pelo mecanismo de busca e consulta online de periódicos disponibilizados pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Dentro do período histórico desejado (1921-1924), procurei ocorrências com as seguintes palavras-chave: “jogos olympicos”, “olympiadas”, “olympiada”, “Coubertin” e “jogos gregos”.
- ⁴ Sobre o conceito de mediação, convém retomar o esclarecimento de Jesus Martín-Barbero (2009, p. 197, grifos do autor): “Estamos *situando* os meios no âmbito das mediações, isto é, num processo de transformação cultural que não se inicia nem surge através deles, mas no qual eles passarão a desempenhar um papel importante a partir de um certo momento – os anos 1920”.
- ⁵ Foram, pelo menos, três correspondentes de jornais cariocas nos Jogos Olímpicos de 1920: Jorge Roxo d’O Paiz; Edgar Leite Ribeiro do *Correio*; e Ernesto Flores Filho d’O *Imparcial*. As informações sobre a participação brasileira nos Jogos Olímpicos de 1920 constam na tese de Amaro (2018).
- ⁶ Alemanha e Rússia não foram convidadas por não fazerem parte da Liga das Nações (Revista da Semana, 27/10/1923, p. 8). Ambas as nações já não haviam participado dos Jogos Olímpicos de 1920.
- ⁷ Tradução minha: “exacerbate international bitternesses instead of soothing them [...] insignificant outbursts of momentary duration”.
- ⁸ Referência aos Jogos Olímpicos de 1920, na Antuérpia, primeira edição após a eclosão da Primeira Guerra Mundial.
- ⁹ Disponível em: <https://www.olympics.com/pt/olympic-games/paris-1924>. Acesso em: 24 jan. 2024.
- ¹⁰ O nome de Afrânio da Costa aparece, contudo, registrado como presidente do COB (“Act. Pres. N.O.C.”) no relatório oficial dos Jogos de Los Angeles (OCGLA, 1932, p. 797).
- ¹¹ Desde fevereiro, Ariovisto de Almeida Rego, presidente da CBD, garantia que “as providências necessárias” já haviam sido tomadas e que o Brasil iria à Paris, com representação no futebol, remo, natação, tiro, polo-aquático e, “possivelmente”, atletismo (O *Imparcial*, 08/02/1924, p. 10). Em entrevista à *Gazeta* (SP), Ferreira dos Santos, delegado do COI, prometia a presença do atletismo, futebol, remo, natação, tiro e atletismo (O Paiz, 21/02/1924, p. 8).
- ¹² Na prática, tratava-se de um novo Comitê Olímpico Nacional. Formavam a diretoria: Felix Pacheco (presidente de Honra), Oswaldo Gomes (presidente), Arthur Azevedo e J.M. Castello Branco (secretários), Arnaldo Guinle, Ferreira dos Santos, Raul do Rio Branco, Major Euclides de Figueiredo, Comandante Jair Albuquerque, Oliveira Santos, Capitão Agrícola Bethlem, Fred Brown, Antônio Prado Junior e Dacio Moraes (administradores), além de representantes técnicos em cada esporte (O *Imparcial*, 01/08/1923, p. 8).
- ¹³ Para entender a cisão entre a Liga e a Amea, é necessário investigar a história das entidades gestoras do futebol no Rio de Janeiro desde o início do século XX. Por isso, recomendo a leitura de Napoleão (2006).
- ¹⁴ A circular assinada por Mario Cardim deixava bem claro o papel atribuído à FPA pelas autoridades competentes: “Tendo a Federação Paulista de Athletismo se incumbido, de acordo com a Confederação Brasileira de Desportos, e os delegados da Comissão Olympica Internacional, no Brasil, de organizar uma representação athletica que participará da Olympiada de Paris, leva-se ao conhecimento das instituições interessadas neste assunto no Distrito Federal, que a 18 do corrente haverá, em S. Paulo, no campo de athletismo do C.A. Paulistano, uma eliminatória para apurar definitivamente os elementos da representação brasileira” (O *Imparcial*, 04/05/1924, p. 12; 22/05/1924, p. 11).
- ¹⁵ Segundo Lédio Carmona, Jorge Luiz Rodrigues e Tiago Petrik (2000, p. 38), dos 11 membros, nove eram paulistas, um gaúcho e um norte-americano (o técnico A. J. Hogarty).
- ¹⁶ O *Jornal do Brasil* falava em uma cotização entre CBD, Liga Metropolitana, Federação de Remo e “alguns sportsmen” (Jornal do Brasil, 21/05/1924, p. 16). O “capitalista” Arnaldo Guinle teria proposto emprestar um “out-rigger” de sua propriedade para que os irmãos treinassem e pagar pela viagem à Paris (O Paiz, 13/01/1924, p. 12).
- ¹⁷ Os atletas eram descritos pelo *O Imparcial* (19/05/1924, p. 16) como “dois finos cavalheiros”, “afáveis e leais amigos”. O *Jornal do Brasil* (21/05/1924, p. 16) afirmava que os dois “mostram-se hoje capazes de fazer tremular em ótimas condições o nosso pavilhão ávido de louros”.
- ¹⁸ Klingehoefer já residia em Paris há vários anos e, segundo o *Correio da Manhã* (16/04/1924, p. 1), era um “competente atleta, antigo campeão, e grande entendido em coisas de sport”. Além dele, o relatório oficial (COF, 1924, p. 806) registrava a presença de S. da Costa Silva, do *Correio Paulistano*, como jornalista credenciado.

- ¹⁹ O relatório oficial (IOC, 1924, p. 806) fala em 724 jornalistas credenciados, mas apenas 685 presentes. *O Imparcial* (04/09/1924, p. 8) traz outro dado: 927 jornalistas oriundos de 43 países.
- ²⁰ Ficou em cartaz até 12 de outubro no Odeon. Foi exibido também no Cinema Tijuca, nos dias 6 e 7 de novembro (Gazeta de Notícias, 07/11/1924, p. 6); no Cinema Engenho de Dentro, em 13 e 14 de novembro (O Paiz, 13/11/1924, p. 12); e no Cine Theatro Brasil, em 17 e 24 de dezembro (Jornal do Brasil, 24/12/1924, p. 20).
- ²¹ Em Chamonix, foram realizados os primeiros Jogos Olímpicos de Inverno.
- ²² Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/time-brasil/brasil-nos-jogos/paris-1924>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- ²³ “Representado, assim, por dois únicos elementos sem caráter propriamente oficial, o Brasil ficou, pelo menos aparentemente, como uma nação de desenvolvimento sportivo medíocre” (O Paiz, 25/08/1924, p. 1).
- ²⁴ O sucesso uruguaio no futebol olímpico rendeu frutos para os demais países do continente sul-americano. A partir da fama internacional uruguaia, clubes e selecionados do Brasil, Argentina e do próprio Uruguai excursionaram pela Europa no primeiro semestre de 1925 (O Paiz, 09/01/1924, p. 8).
- ²⁵ Era comum nas décadas de 1920 e 1930 que os jornais abrissem espaço para registrar as carreiras de atletas estrangeiros de sucesso, como o boxeador italiano Herminio Spalla (O Paiz, 24/11/1927, p. 11), a atleta japonesa Miss Hitomi (Jornal do Brasil, 06/04/1928, p. 13), o jogador uruguaio José Nasazzi (O Jornal, 17/07/1930, p. 11), dentre outros. *O Paiz* se propunha a publicar também biografias de campeões nacionais, como Adhemar Serpa (26/05/1924, p. 1) e Sylvio Serpa, o “Alemão” (15/09/1924, p. 1). Para continuar a série, o jornal solicitava aos *sportsmen* que enviassem sugestões à redação.
- ²⁶ “Deve acabar, uma vez por sempre, o mau conceito que de nossa gente forma o próprio brasileiro. É falso que do cadinho forjador de nossa nacionalidade tenha surgido um tipo híbrido, meio raquítico e meio fantasista, levando na mesma coloração de sua epiderme o estigma caracterizador de sua inferioridade” (Gazeta de Notícias, 29/02/1924, p. 2).
- ²⁷ Vejamos esse trecho: “Vivemos em um país cujos governos manifestam um desconcertante desinteresse pelos sports, possivelmente ignorantes do que eles representam como fator da grandeza dos povos” (Correio da Manhã, 24/03/1923, p. 1).

Submetido em: 27/01/2025
Aceito em: 10/10/2025